

GRUPO NEGRO DA PUC/SP

Gevanilda Gomes dos Santos Do Grupo Negro da PUC/SP

Vou relatar algumas experiências vivenciadas na área educacional. Antes, porém, vou apresentar alguns dados que caracterizam o Grupo Negro da PUC/SP. Desde sua origem, em agosto de 1979, o Grupo Negro da PUC vem se constituindo numa vertente do Movimento Negro em São Paulo, ao desenvolver atividades dentro e fora da Universidade Católica, visando a intervenção e ampliação da discussão sobre a realidade racial negra na sociedade brasileira. Solidificou-se como um núcleo negro militante que, partindo da compreensão de sua realidade racial e social, procurou atuar no sentido de desmistificar o mito da democracia racial e do ideal de ascensão social, desnudando os mecanismos que geram a discriminação racial, responsável pelas desigualdades raciais no Brasil.

Nesses oito anos de experiência temos atuado dentro e fora da Universidade, como idealizadores e participantes, juntamente com outras entidades do Movimento Negro e segmentos dos movimentos sociais, no nível educacional, cultural e político, denunciando a política racial do Estado que explora a população negra enquanto mão-de-obra barata, oprime-a enquanto homens e mulheres e os discrimina enquanto negros. Nossa preocupação básica sempre foi no sentido de concretizar uma linha de ação que possibilite a compreensão do nosso papel enquanto elemento negro, da nossa especificidade dentro do processo mais amplo das relações sociais brasileiras.

Todos os nossos trabalhos, desenvolvidos dentro e fora da Universidade, foram norteados por princípios de autonomia e independência, visto que, no âmbito interno das instituições em geral, e especialmente nas universidades, com raríssimas exceções,

se reproduzem os mecanismos de discriminação racial: na medida em que apresentam uma estrutura elitista, não adequam os currículos escolares ao verdadeiro papel histórico do negro no processo de formação da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo, por manterem uma postura pouco crítica em relação a essa realidade, acabam sendo coniventes com o ideal do mito da democracia racial. Partindo desta constatação, dirigimos boa parte de nossas atividades para fora da Universidade, pois é aí que se encontra a maioria da população negra.

Avaliando, hoje, todo um trabalho inicial, constatamos que nossas experiências contribuíram para solidificar uma linha de ação que pressupõe autonomia e independência em relação às instituições estatais e particulares. Compreendemos que uma vinculação com tais estruturas, sem antes constituir um grupo sólido (com objetivos, metas e estratégias definidas), resultaria na intervenção ou direção dos nossos trabalhos. Essa linha de pensamento provém da compreensão do papel que a ideologia racial cumpre no Brasil, pois, desde a Abolição ela vem sendo difundida, através de várias instituições, de forma a amenizar as contradições raciais e desmobilizar os grupos mais atuantes, com o objetivo de manter o controle sobre a problemática racial, negando sua existência.

Dentro deste contexto, nossa relação com a Universidade Católica foi possível, em parte pela revisão que vem fazendo de sua cumplicidade no tocante à escravidão, também por sua nova postura advinda de uma série de autocríticas, que a tem colocado ao lado dos setores menos favorecidos da sociedade. Esses fatores criaram uma conjuntura favorável ao desenvolvimento de nossos trabalhos. Nosso único vínculo é a utilização física de suas dependências, elemento vital na estrutura organizacional de qualquer entidade do Movimento Negro.

Na área educacional desenvolvemos algumas atividades que podemos conceituar de educação informal, pois nos transformamos em agentes de nossa própria história. Através da promoção de debates, seminários, manifestações culturais afro-brasileiras, discussões em salas de aula, orientação de trabalhos escolares que abordavam a temática racial negra, conseguimos, senão reverter, pelo menos contribuir, significativamente, para que estudantes e professores refletissem sobre essa questão. A seriedade dos nossos trabalhos despertaram o interesse pela temática racial negra, no ciclo básico (na estrutura curricular da PUC/SP o primeiro ano é básico para todos os cursos) e em algumas disciplinas, a partir da iniciativa de seus coordenadores ou professores, foi aberto um espaço para a discussão da problemática do negro.

Via de regra, todo tema debatido em sala de aula, procurando relacionar a questão racial com diversas áreas profissionais ou disciplinas afins dentro de cada curso, acabava sendo desviado, ganhando espaço uma calorosa discussão sobre a existência ou não do racismo no Brasil, ou sobre a não convivência

com as práticas racistas, ou mesmo o estarecimento pela constatação, após nossas denúncias, de quanto as pessoas se constituíam em agentes de difusão do racismo.

Fora da Universidade, nossas experiências como palestristas em escolas de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino, abordando a temática negra por ocasião do dia 13 de Maio — *Dia Nacional de Denúncia Contra o Racismo*, ou 20 de Novembro — *Dia Nacional da Consciência Negra*, demonstrou que a criança e o adolescente oferecem menos resistência à compreensão do racismo na sociedade brasileira. Eles o identificam imediatamente, oferecendo exemplos concretos e cotidianos, ao relatar episódios pitorescos ocorridos com seus colegas. Revelam, também, um total desconhecimento a respeito da contribuição real do negro no processo histórico brasileiro, e, geralmente, apresentam um conhecimento distorcido, conforme a historiografia oficial.

Partindo dessa experiência e da necessidade de ampliar nossa atuação no meio acadêmico, organizamos um curso de extensão a fim de inserir a temática racial no meio acadêmico e ocupar um espaço na Universidade. Essa nova e atual proposta culminou com um trabalho conjunto com o Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais, cujo tema foi "O Negro e as Relações Sociais no Brasil", que teve como objetivo repensar criticamente um conjunto de pressupostos teóricos já existentes em nossa historiografia; difundir novas perspectivas resultantes de trabalhos sérios de pesquisas e de pessoas comprometidas de fato com a realidade do negro no Brasil; estimular a produção intelectual de novos expoentes sobre a temática, bem como, sistematizar, avaliar e criar um novo conjunto teórico a partir das preocupações e interesses do próprio negro. O curso de extensão, de caráter extracurricular com a duração de 30 horas, ministrado aos sábados à tarde, num período de dois meses, procurou dar aos seus

participantes, através de oito palestras, meios de realizar uma leitura crítica da questão racial negra, fomentando a necessidade de aprofundar as análises que envolvem essa questão.

A experiência desse curso de extensão foi muito rica e valiosa pois evidenciou nossa capacidade de mobilização e o grau de interesse que o tema despertou, visto que o curso, estimado para um público de 50 pessoas, acabou tendo 130 alunos inscritos e manteve uma média de 60 pessoas negras e brancas, estudantes ou não durante as aulas; possibilitou ao departamento de Antropologia uma experiência pioneira e bem sucedida no que diz respeito à extensão de sua área de conhecimento, e promoveu um intercâmbio científico ao apresentar uma programação eficaz e competente em relação à temática, desenvolvida por historiadores, antropólogos e cientistas políticos de várias universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, que atuam na área de Ciências Sociais, especificamente no que diz respeito à questão do negro.

Essa experiência veio oferecer condições objetivas para a concretização de uma antiga proposta de criação, dentro dessa Universidade, de um Instituto de Pesquisa Afro-Brasileiro, capaz de fornecer subsídios teóricos a nossa prática militante, assim como produzir e estimular a difusão dessa área do conhecimento que é tão frágil no Brasil.

Atualmente, vários contatos estão sendo mantidos com a Universidade no sentido de viabilizar a reimplantação desse Instituto de pesquisas que está desativado desde o momento que seu coordenador, Abdias do Nascimento, mudou-se para o Rio de Janeiro fechando o IPEAFRO — Instituto de Pesquisas Afro-Brasileiro. Estamos retomando os trabalhos de forma a institucionalizar um espaço que, de fato, sirva aos anseios e necessidades de organização do Movimento Negro para uma real emancipação do povo brasileiro.

